desenvolvimento humano: Experimentos Naturais e Planejados. Porto Alegre: Artmed, 1996.

BUCK, J. N. H-T-P. Casa-árvore-pessoa, técnica projetiva de desenho: manual e guia de interpretação. Trad.: Renato C. Tardivo. São Paulo: Vetor, 2003.

BUORO, A. B. O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

CAMPOS, D. M. S. O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade: validade, técnica de aplicação e norma de interpretação. 38. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

CECCONELLO, A. M; KOLLER, S. H. Avaliação da representação mental da relação de apego através do desenho da família: um estudo com crianças

Brasileiras. Arquivos Brasileiros de Psicologia. v. 51, n. 4, p. 39-51, 1999.

COMENIOS, J. A. Didática Magna. Lisboa: Fundação Calouste Gulberkian, 1985.

CORMAN, L. O teste do desenho da família. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

COX, M. Desenho da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CUNHA, J. A. et al. Psicodiagnóstico. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DERDIK, E. Formas de pensar o desenho – desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 2003.

DUARTE, M. L. B. Arte, ensino e procedimento de criação. Revista Tuiuti Ciência e Cultura. n. 23, 2001.

DUARTE, M. L. B. O Realismo no Desenho Infantil. Revista Tuiuti Ciência e Cultura. n. 16, 2000.

EAGLETON, T. A ideologia da estética. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

FERRACINA. et al. Aspectos psicológicos das crianças com glaucoma do desenvolvimento. Arq Bras Oftalmol. v. 67, n. 6, p. 859-62, 2004.

FONSECA, A. R; CAPITÃO, C. G. Abuso sexual na infância: um estudo de validade de instrumentos projetivos. PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora, v. 6, n.1, p. 27-34, Jan./Jun, 2005.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Docente. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, F. A; NORONHA, A. P. P. School psychology clinic: a survey of instruments used in psychofiagnostics process. Psicol. esc. educ., v. 9, n.1, June, 2005, p. 37-46.

FROEBEL, F. A educação do homem. Trad. Maria Helena Câmara Bastos. Passo Fundo, UPF, 2001.

TRAJETÓRIAS DE DOCENTES NEGRAS E SUAS RELAÇÕES COM A MATEMÁTICA

RITA APARECIDA DA SILVA

RESUMO

Presente trabalho tem por objetivo investigar as trajetórias de docentes negras e suas relações com a matemática. A mulher que é mais silenciada em diferentes instâncias no Brasil é a negra. Esse silenciamento é familiar, social e cultural, visto que ela é aquela que nasceu para servir, para cuidar, quem é proibida de sentir dor, vaidade ou de ter sonhos, visto que, a educação não foi direito da população negra e dessa maneira ela sofre, duplamente, por nascido mulher e negra. Quando a mulher tem acesso à educação não significa que essa trajetória seja fácil. E ao optar pela carreira docente, também encontra obstáculos e desafios, especialmente com a matemática, porque, o número de professoras negras é quase nulo, no ensino superior. Para compreender esse fenômeno foram realizadas entrevistas com três docentes negras licenciadas em matemática e analisadas à luz do racismo estrutural e racismo institucional, baseado em Almeida (2018). Os resultados apontaram que desde a educação básica a menina/mulher negra sofre com o preconceito e o racismo velado e explicito dentro dos espações de formações acadêmicas, por ser pobre e negra.

Palavras- chave: Trajetórias de professoras, Negras, Educação Matemática, preconceito, racismo.

ABSTRACT

This work aims to investigate the trajectories of black teachers and their relationship with mathematics. The woman who is most silenced in different instances in Brazil is the black woman. This silencing is family, social and cultural, as she is the one who was born to serve, to care, who is prohibited from feeling pain, vanity or having dreams, since education was not the right of the black population and thus she he suffers, twice, for being born a woman and a black woman. When women have access to education, it does not mean that this path is easy. And when opting for a teaching career, there are also obstacles and challenges, especially with mathematics, because the number of black female teachers is almost nil in higher education. To understand this phenomenon, interviews were carried out with three black teachers with a degree in mathematics and

analyzed in the light of structural racism and institutional racism, based on Almeida (2018). The results showed that, since basic education, black girls/women suffer from prejudice and veiled and explicit racism within academic training spaces, for being poor and black.

Keywords: Trajectories of teachers, Black women, Mathematics Education, prejudice, racism.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca ressignificar a alienação de mulheres, especialmente, as negras, para fatos que estão visíveis, porém, não são vistos. Durante a primeira graduação, quando fui apresentada "mundo" acadêmico, sugiram algumas reflexões, começando da minha infância, por que eu sofria perseguições no ensino fundamental 1? Por que somente aos 35 anos fui ao um dentista e esse é negro? Nunca fui a uma consulta com o clinico geral para que ele ou ela fosse uma pessoa com fenótipos negros? Por que eu não lembro de ter tido nenhuma professora de matemática negra? Por que as mulheres são poucas na licenciatura em matemática, quando pensamos nas mulheres negras é quase inexistente? Por que durante a semana existe um grande movimento de pessoas negras nos meios de transportes? Por que as pessoas negras e pobre não conseguem frequentar, em seus dias de descanso, os locais em que trabalham, como os shoppings e os restaurantes? Por que é tão difícil ser mulher negra e quando ela decide ir em busca dos seus sonhos tudo fica ainda pior? Como se o direito de uma vida melhor e com dignidade fosse proibido para ela.

Assim, ler e escrever sobre raça, racismo, machismo, os negros e negras nos espaços acadêmicos, expor que todos são capazes de aprender tendo as condições necessárias para isso, que o pensamento popular, relacionado aos negros e negras é eurocêntrico e como esses fatores dificulta a mulher negra destacar-se em seus percursos acadêmicos e profissionais, se faz urgente.

Desse modo, quais os motivos que direcionam as mulheres negras para a docência? Por que as docentes negras partem para a formação continuada? Quando se deu início as suas relações com a matemática e como foram os enfrentamentos do racismo e machismo estrutural existente no Brasil e nos espaços acadêmicos, para a obtenção de diferentes títulos? Visto que, a educação nos foi negada para os negros e isso delimita as mulheres a ocupar papel de destaque nas diversas áreas.

Trajetórias de Docentes Negras e suas Relações com a Matemática

As entrevistadas serão aqui nomeadas de P1, P2 e P3, buscando manter o anonimato e não gerar nenhum desconforto para elas. É importante expressar que teremos convergências (semelhanças) e divergências (distinções), nos seus relatos, porque, cada pessoa, mesmo com múltiplas semelhanças, é única! O contexto social em que elas estão envolvidas, podem acentuar ou não diferentes fatores.

Em vista disso, trataremos das convergências, nesse primeiro momento. O Quadro 1, Quadro 2 e Quadro 3 trazem pontos comuns entre os relatos das professoras sobre aspectos do cotidiano pessoal, da trajetória da formação e do ensino superior de cada uma delas.

Entrevistadas	No Cotidiano Pessoal	Na Trajetória da Formação	No Ensino Superior
P1	- Negra! - Aí, tem vários colegas de escola que emendaram faculdade, mas, eu não tinha condições no momento!... - A única que eu tinha certeza que eu gostava da área de exatas... - E foi quando eu lecionei para o meu pai e eu peguei gosto mesmo!... - O racismo é algo que está no secundário, está entranhado...	- Eu sempre estudei em escola pública né?... - Na época que eu estudava era complicado, porque que a gente mesmo que se esforça para se concentrar... - Não! não sou negra! Sou morena! - Eu acho que a única negra mesmo, foi a Rosana lá do mesmo ambiente... - Sim! eu era muito cobrada pelos meus pais... - Sim! eu acho que assim... - Então... eu sabia que era isso mesmo que eu queria...	- Aí na licenciatura, na graduação, tive professores é... excelentes, mas excelentes negros na graduação! na especialização e no mestrado também não, sendomos! - Família sim!... - Eu tinha essa vontade de sempre estar querendo estudar

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

P1 identifica-se como negra, tem 38 anos, licenciada em matemática, 11 anos de atuação e moradora do Estado de São Paulo. Ela vem de uma família humilde, por isso não conseguiu entrar no ensino superior como muitos dos seus colegas de classe, mesmo ela sendo esforçada.

P1: Eu sempre fui muito estudiosa! até pra namorar... essas coisas, eu era meio lerda... às vezes... as meninas queriam saber de paquerar, de namorar e eu queria saber de estudar. Mas eu não tinha condições de pagar faculdade quando eu me formei. Eu me formei em 2000. Aí, tem vários colegas de escola que emendaram faculdade, mas, eu não tinha condições no momento, só que eu não sabia é que eu queria ser.

Assim, ao ser perguntada sobre a conclusão da escolaridade básica na idade estipulada, que segundo o

Art. 4o O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, organizada da seguinte forma: a) pré-escola; b) ensino fundamental;

c) ensino médio; [...] (BRASIL, 1996).

A P1 é objetiva e responde:

P1:Sim! eu era muito cobrada pelos

meus pais, os valores eram outros e sempre fui uma criança muito tímida, estudiosa, os outros me chamava de nerd, então, eu era muito cobrada, mas eu gostava muito de estudas, era algo que me fazia... me fazer bem! eu terminei eu terminei com 17 anos.

Assim, lembranças da sua educação básica são estimuladas ao perguntar: Como era ser criança negra no espaço escolar?

P1: Eu sempre estudei em escola pública né? é... é engraçado que assim... atualmente quando a gente... a gente trabalha com educação básica, a gente vê que o negro tem mais espaço. Na época que eu estudava era complicado, parece que a gente meio que se anulava para se encaixar, para ter um grupo, para ter amigos, então a gente meio que... não! não sou negra! sou morena! sou... entendeu? então era... era bem complicado! tinha poucos alunos negros e eu não me identificava.

Seu depoimento revela, que a questão identitária do negro sempre foi questionada na sua educação básica e que ser negro não era algo positivo, poque era preciso ter sempre a auto afirmação de não ser negra, em especial por não ter as representatividades necessárias para alta aceitação.

Porque quando o olhar se volta para os fenótipos de suas professoras na educação básica, a circunstância não se altera e ela não se percebe em outras mulheres negras.

P1: Então... brancas!

Entrevistadora: Brancas?

P1: Eu acho que a única negra mesmo, foi a Rosana lá do ensino médio, que era negra, se auto declarava como negra, ela tem todas as características mesmo e se identificava como negra. Agora, não tem nenhuma outra!

Dessa maneira quando lhe é perguntado sobre o critério para escolha do curso de graduação, licenciatura em matemática, ela afirma que tinha uma convicção.

P1: A única que eu tinha certeza era que eu gostava da área de exatas, gostava de física, gostava da área de exatas, mas eu ainda fiz uma escolha: "eu quero fazer licenciatura", "quero ser professora" não tinha isso na mente, ainda!

Mesmo não tendo certeza se iria ou não para a licenciatura e não conseguindo entrar de imediato no ensino superior um agente importante, nessa fase, foi um projeto em uma Organização Não Governamental (ONG) que a despertou, dando-lhe a oportunidade de lecionar para o seu pai.

P1: Acabou que eu fui trabalhar, porque não tinha condições de pagar a faculdade, depois eu fiquei sabendo do PROUNI. Acho que por volta de 2005/2006, eu resolvi fazer a prova do ENEM e tentar cursar a faculdade, que era algo que eu tanto esperava. Eu acho que se tivesse feito logo depois que eu me formei eu teria ido para administração, porque realmente eu não tinha ideia do que eu queria fazer. Quando eu cursei... quando eu fui fazer o ENEM, eu tinha lá o PROUNI, a inscrição, tinha que escolher três opções, foi quando eu parei... o que eu quero fazer mesmo? e antes disso havia trabalhado como educadora em uma ONG, tinha que ter ensino médio completo, fazer alguns cursos de aperfeiçoamento e você poderia lecionar para turminha da EJA, de primeira à quarta série.

E foi quando eu lecionei para o meu pai e eu peguei eu gosto mesmo! Eu vi que ali era minha praia e que eu gostava mesmo de lecionar.

Dessa maneira na hora de escolher as opções de curso no PROUNI, "eu escolhi matemática na primeira opção, física na segunda e na terceira opção, eu ainda coloquei, acho que administração, na época eu não me arrependi!" (P1).

Assim, a família, amigos de faculdade e alguns incentivos de descontos nas mensalidades foram fatores que contribuíram para que ela não desistisse da graduação, mas isso não foi simples, porque mesmo

P1: Na faculdade que fiz a licenciatura tinha descontos para quem pagasse a mensalidade até o quinto dia útil, acho que 10% de desconto. Eu já pagava 50%, mas aí para quem pagasse até o quinto dia útil ainda tinha 10%, então, eu sempre juntava dinheiro para pagar antes, para conseguir dar conta.

Dado que, ela que trabalhava com telemarketing, para ter dinheiro para locomover-se, para o lanche, porque a sua jornada era longa ao emendar o trabalho com a faculdade.

No entanto, os descontos eram as únicas coisas que a faculdade disponibilizava para ela, visto que não tinha monitoria, apoio psicopedagógico ou grupos de estudos, por exemplo, deixando o estudante sem outras opções para o desenvolvimento estudantil.

P1: Não! Não tinha, inclusive no último semestre eu quase tranquei a faculdade, porque estava muito difícil conciliar com o TCC, porque na época do TCC eu estava ainda eventuando, na época. Estava no último semestre, para fechar o TCC e eu estava meio que surtando, com o TCC e trabalho, e ainda com trabalho fora, e ainda com um tempinho vago eu tentava encaixar algumas aulas como eventual, então eu quase tranquei, mesmo! Não tinha nenhum apoio, mesmo! mas aí tudo relacionado a estresse, mesmo de estar fazendo várias coisas ao mesmo momento e o TCC teria me deixado meio... um pouquinho maluca, estressada, digamos, porque é uma carga bem pesada, né?

Mas, ela não desistiu e

P1: Aí foi na época que eu resolvi largar o outro emprego, porque eu trabalhei com telemarketing eu falei "vou mergulhar, vou ficar só na educação, mesmo", foi no último ano, "vou eventuar mais, tentar atribuir aulas de

matemática, manter... pagar a faculdade, só vivência de educação mesmo.

Mesmo como medo de não conseguir atribuir aulas que fosse o suficiente para cumprir com seus compromissos,

P1: Mas eu resolvi fazer essa troca, graças ao apoio da minha família porque a minha mãe falou: você não está dando conta, é melhor você tentar, caso você não consiga um mês ou outro, tento te ajudar, pelo menos com o que é principal, a gente tenta cortar daqui e dali.

Então, continuar estudando foi uma decisão partir de "eu via um olhar de muitos

professores que já estavam ali por anos de... "nossa você é nova, muda de profissão", "isso não é para você!", "nossa você é tão nova, vai fazer engenharia, para ganhar dinheiro", "pra que você quer ser uma professora, e ainda de matemática? (P1, 2021), assim ela

P1: Sempre pensando nas pessoas que já estavam na educação, nenhum deles apoiava, eles sempre falavam para você mudar de profissão, mas como eu tinha certeza de que era algo que eu queria eu falei "ah, eu não quero me manter assim para daqui a alguns anos eu estar sabe?... estar colocando alguém para baixo, falando para mudar de profissão"; eu tinha amor, realmente por aquilo que eu estava fazendo, então isso acho que foi o que me motivou a continuar estudando, né? a não me fechar, a sempre estar querendo inovar, a aprender metodologias, estratégias novas e eu acho que é isso...

[...]

Exatamente! sempre estar evoluindo [...].

Com isso, nasce na docente a necessidade de ir além da educação básica,

P1: Eu tenho essa vontade de sempre estar querendo estudar, conhecer novas metodologias, novos conhecimentos e talvez, eu sinto que só o ensino básico, ali é muito pouco, porque às vezes você aprende tanta coisa, que quando você chegar na sala de aula você, assim... no ensino médio, ensino, ensino fundamental, você não passa acho que nem 10% do que você absorveu, do que você aprendeu, então eu quero realmente sabe?... ser desafiada, sabe? então o ensino superior seria um desafio, porque eu ia me colocar a todo momento ali "eu vou ter que estudar", "eu vou ter que preparar melhor", "se o aluno perguntar assim o que eu vou responder?" então eu penso nessa questão do desafio também e na questão, também de me sentir representada, porque até o momento, nessa jornada acadêmica, não me senti representada.

Sua trajetória passa por pontos ainda relevantes para a nossa conversa, ao nos referirmos à existência de professoras negras no ensino superior, porque

P1: Olha! Eu tive professoras do ensino fundamental I até agora no mestrado, até a minha orientadora é uma professora que é uma mulher, mas negras? eu lembro de uma... professora de língua portuguesa. Isso foi no ensino básico... no ensino médio. Aí na licenciatura, na graduação, tive professoras é... mulheres, mas nenhuma negra na graduação! na especialização e no mestrado também não, nenhuma!

Isso nos direciona para o que é o racismo de acordo com o seu ponto de vista, e para ela

P1: O racismo é algo que está na sociedade, está enraizado, está nas nossas palavras, nas expressões que a gente utiliza e muitas pessoas não veem isso. Então é algo que acho que, culturalmente, foi um custo... assim lá, mas... uma base da uma civilização eurocêntrica e isso ainda, eu acho que perpetua, existe até os dias de hoje.

E ele também está nos espaços acadêmicos, mesmo que discretamente, porque quando lhe é perguntado

Entrevistadora: Você conseguiu enxergar racismo nesses espaços acadêmicos, mesmo que não fosse com você?

P1: Sim! eu acho que assim... comigo talvez é... é ridículo falar isso, mas assim, tem pessoas que não me viam como negra, pelo fato de ter alguns traços puxado para indígena, ter um cabelo liso, aí na época de criança minha mão cortava franja. Então assim, as pessoas o tempo todo me confirmava "você não é negra", "você é uma índia", "você é mulata", "você não sabe o quê", porque eles... na mente deles, um negro é algo que é ruim! Entendeu? e eu cheguei a perceber sim! Inclusive junto com P3, porque ela é uma amigona, "amigaça" e a gente chegou a fazer alguns cursos... vários cursos a gente fez juntas foram, que foram vários, íamos para a USP direto.

[...].

Sempre nas férias de janeiro ou no meio do ano, sempre tem cursos lá, de matemática no CAEM, também tem de física. E eu percebi uns olhares meio que assim "maldosos" digamos.

Assim, quanto mais acentuadas as características da mulher negra, maior será o seu contato com as microagressões e essas não precisam ser de maneira explícita, Silva e Powell (2017).

Esses, "olhares" citados pela P1 são para sua amiga.

P1: Ela é uma pessoa que que fala, que faz amizade com todo mundo, mas parece que... não sei! Têm pessoas que se acham superior e ela é uma pessoa simples. Não sei, eu acho que talvez a... não que ela eu sou negra, também né? Mas eu não sei.

Acho que as pessoas a veem como negra e talvez não me vejam, não sei!

Entrevistadora: São os fenótipos de vocês. Eles são bem diferentes!

P1: Exatamente! mas aí você percebe um olhar com pouco de desdenho, alguma coisa até quando, às vezes a gente estava fazendo um curso junto e ela pedia fala, a gente percebi assim, sabe? não era algo que a gente ouvia as pessoas falando, mas a gente percebia pelo olhar. Como se ela não tivesse antes de ela abrir a boca parecia que ela não tinha credibilidade, era isso que eu percebi assim e é triste isso!

Observa-se a pouca presença de mulheres que se declaram negras ou mesmo que seus fenótipos o digam, na licenciatura em matemática desde o ensino básico, isso mostra o que foi citado anteriormente em Carvalho (2018, p. 39), em que, quanto maior o nível de escolaridade, menor é a presença de docentes negros.

Com relação à segunda entrevistada, temos:

Quadro 2 – Convergências da P2

(Continua)



Quadro 2 – Convergências da P2

(conclusão)



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

A P2, identifica-se como mulher negra, tem 48 anos, é devidamente licenciada em matemática a 22 anos e moradora do Estado da Bahia. Ela vem de origem humilde e seus pais sempre à incentivaram, em tudo que fosse direcionado para a educação acadêmica, os estudos, e que o fato de ter cabelos crespos era um dos motivos para não usá-lo livremente, assim, algumas perguntas te direciona ao passado, porque

P2: [...] durante a infância, assim, a gente não... a gente... a gente começa... como eu disse né? identificar algumas coisas depois de adulto. Então tinha a questão do cabelo né? Tinha que ir com o cabelo preso. Quando eu soltava o cabelo, eu lembro que, quando chegava em casa minha mãe ficava "pirada", porque eu tinha... dava muito trabalho pentear o cabelo, então, vivia com cabelo muito preso, o tempo todo preso.

Assim, ela concluiu a escolaridade na idade estipulada, (BRASIL, 1996), e toda a sua formação foi em instituições públicas.

P2: Sim! eu inclusive... porque assim... eu entrei no ensino médio eu tinha 16... 15...14 anos, eu ia concluir com 16 anos. E aí..., mas eu sempre quis entrar na Escola Técnica Federal da Bahia e aí, quando finalmente eu consegui passar eu já estava no terceiro ano, então, voltei o primeiro... voltei para o segundo ano e aí eu concluir com 18 anos.

Dessa maneira, lhe foi perguntado: - Como era ser uma criança negra no espaço escolar? Eu estou pensando fund. I até o ensino médio.

P2: Na minha época essas coisas não eram muito é... discutidas não né? a gente... a gente vivia... e a gente só percebe isso, né? na verdade eu vim perceber isso já adulta, né? já dentro da universidade, onde a discursão vem iniciada, né? você vai começando a se identificar e aí, você vai relembrando coisas que eram da sua infância. Mas durante a infância, assim, a gente não... a gente... a gente começa... como eu disse né? identificar algumas coisas depois de adulto.

E quando criança, ela afirma que não existia toda a questão racial que existe hoje, ou seja, fala sobre o que é ser negro e o seu lugar na sociedade, assim tentar diminuir ao máximo as características, era algo natural, pois tinha, por exemplo:

P2: [...] a questão do nariz né? que a gente e... é uma coisa que eu adoro em mim, é meu nariz! mas na época é... tinha uma história de um pregador né? que vou colocar pregador no seu nariz para que nosso nariz ficasse afilado, mas são coisas que a tentante não entendia como violência né? E... assim, mas não que eu digo assim... que eu fiquei uma criança traumatizada, por ter passado por tudo isso né? porque teve outros... outras coisas que é... que a gente foi vivendo né? então não... eu tinha uma infância muito feliz, né?... não tive... vivia com muitos primos, muitas pessoas parecidas comigo, então é... naquela época não identificava como racismo, hoje já tenho um outro olhar, claro!

Independentemente dessas percepções, que lhes sugiram quando adulta, a P2 tinha representatividade de início, pois ela é do estado que mais tem negros no Brasil, tanto aqueles autodeclarados, quanto de acordo com os fenótipos evidenciados, incluindo suas professoras do ensino fundamental nos anos finais, do 6º ao 9º ano, pois quando ela vai para o ensino médio a realidade se altera.

Então, por estar na cidade com maior representatividade de negros, a P2 afirma ao ser

perguntada sobre "a existência de professoras negras na sua nessa trajetória acadêmica.

P2: Sim! Sim! teve muitas!

[...]

P2: Matemática, especificamente, eram... não eram negras de cabelo crespo, né? porque hoje a gente tem essa questão do tom pele, é... na área de português, eram... as professoras eram mais claras, né? digamos assim... na área de humanas as pessoas eram mais... de linguagens, as pessoas eram mais claras. A área de matemática... já tinha mulheres com a pele mais escura. Mas não no segundo... isso no ensino fundamental, tá? porque quando você vai para o ensino médio foram... foram sempre professores homens.

Entrevistadora: Nesse caso, de matemática? P2: de matemática!

Confirmando o que Carvalho (2018) revela, sobre apenas 3,7% dos professores que se declaram negros estarem no ensino médio.

Desse modo, a sua relação com a matemática sempre esteve presente nas escolhas e, para a sua primeira graduação não foi diferente e seus critérios são atípicos, porque

P2: A minha escolha foi, o que eu não queria fazer! eu sempre uso esse critério! O que eu não gosto de fazer! e aí na hora da... de fazer a inscrição... eu fui... eu disse: - não dou pra área de... achando-me, né? porque é uma outra..., é um outro discurso que a gente vai adquirindo durante a vida e vai acreditando, então, achava que não era das humanas, que não era das linguagens, que eu não dava para engenheira. Lá tinha engenharia civil, então, nunca gostei de desenho! eu não tinha habilidade para desenho! para de saúde eu também não tinha! porque eu não era boa de biologia né!? eu fui eliminando... quando chegou ficou economia e matemática, como eu sempre gostei de matemática disse: - não! vou fazer... a primeira vez eu fiz vestibular para economia, não passei na época. Acho que não passei. Não lembro! mas aí quando eu tentei novamente, porque eu também não tinha terminado ensino médio, fiz mais para testar. E aí! quando finalmente eu fiz, terminei médio, eu fui é... aí, eu optei por matemática, pela afinidade que eu tinha com a disciplina, né? então foi eliminando o que eu não queria, e aí ficou a matemática como... como opção.

Assim, a professora sempre permitiu desafiar-se e entrou no curso de licenciatura em matemática em 1992, na Universidade Federal de Feira de Santana, com isso, ela afirma ter "muita sorte", quando lhe é perguntado sobre apoios para a entrada no ensino superior.

P2: É... eu sempre tive muita sorte, digamos assim! Eu sempre tive apoio da família. Minha família nunca me exigia, assim... "você tem que fazer uma medicina, da vida" ou meu pai, minha mãe sempre me estimulou a fazer até um curso superior... eu fazer o que eu quisesse, então, nunca fui desestimulada a por exemplo, a... por exemplo, pro ramo da licenciatura né? porque o que acontece é muito comum isso acontecer. Então, meus pais sempre estimularam que eu tinha que fazer um curso superior, independente do que fosse, né? Então, eu sempre tive apoio em relação às minhas escolhas profissionais tanto na... na época da... do ensino médio, pelo curso profissionalizante que eu fiz metalurgia, quanto pelo... quanto no superior.

Agora, quando o apoio e voltado para a instituição de ensino, a fim que ela permanecesse no ensino superior, tinha o apoio das monitorias, porém

P2: Dentro da universidade na graduação é... a gente tinha monitoria. Engraçado, né? agora fazendo esse resgate, as monitorias eram todas masculinas! E eram das engenharias. Eram os engenheiros que eram nossos monitores e muitos homens brancos!

Entrevistadora: Então você tinha colegas negras, mas na hora da monitoria não tinham essas pessoas?

P2: As monitorias de cálculo, de álgebra linear, que era o que a gente tinha, né? álgebra...de geometria e cálculo. Eram homens! e de engenharia!

P2: E não era da licenciatura!

Entrevistadora: E brancos? P2: É, brancos!

Essa parte da entrevista, deixa evidente o preconceito que as mulheres negras de licenciatura sofriam, porque a P2 está em uma IES, com colegas de curso também negras, porém não tinham representatividade, ao menos nas monitorias. Sua trajetória não se encerra na primeira formação e lhe é perguntado quais os motivos para a formação continuada, assim

P2: Oh... primeiro, porque eu achava... como... eu acreditava naquele discurso, né? que eu era das exatas! E... inclusive, eu tentei fazer... não foi fácil fazer um mestrado, uma especialização na área de matemática. Quando eu tentei fazer especialização, foi quando eu percebi que eu não... não queria atuar dentro do ensino fundamental! E, engraçado! que quando eu estava na graduação eu achava que eu não ia nem ensinar no ensino médio. Eu tinha muita insegurança. Tinha muita insegurança. Até acho que pela minha formação pública, a gente vem com esse discurso que tem um ensino né?... mas é... é... com deficiências, então e aí quando eu ingressei... quando eu terminei a... a graduação, eu decidi fazer o que a UFBA estava oferecendo. Era um curso de atualização.

Com isso, "quais os motivos para lecionar no ensino superior?"

P2: foi porquê... porque eu não queria estar no ambiente do fundamental. Eu percebi que não dava... eu não queria mais aquilo...

porque eu tinha muito é... estresse... era muito estresse estar trabalhando com os alunos de quinta a oitava série, naquele momento, né? ai eu disse: - não! vou viver outras coisas, eu vou encarar... apesar da minha insegurança, vou... vou atuar no ensino superior. E aí, eu ingressei e eu disse não, é isso aqui que eu quero fazer!

Dessa maneira, lhe é perguntado sobre a existência de professaras negras de matemática no ensino superior,

P2: Ahh... negras não... tinha a pele... é porque é difícil, elas teriam que me dizer, né? Como elas se... eu identificaria como negras, mas, elas tinham uma pele... é... o cabelo mais liso né? não era o cabelo mais... cabelo cacheado, é... mas a maioria... a maioria eram homens.

Entrevistadora: E esses fenótipos eram, no caso, dessas professoras, mulheres negras. No seu ensino superior até... até hoje! Nessa trajetória, os fenótipos delas eram predominantes negras? P2: Não! Não! não eram não!

Dessa maneira, a conversa é direcionada para: - O que você entende por racismo? e eu estou perguntando isso do seu ponto de vista.

P2: Racismo é quando... você fez uma pergunta assim, é... eu vou tentar reformular..., mas eu acho que o racismo é quando nos negam oportunidades, né? por conta da nossa... nossa pele, né? da nossa cor de pele! eu posso iniciar assim...! [...] Quando julgam pela cor da pele.

Assim,

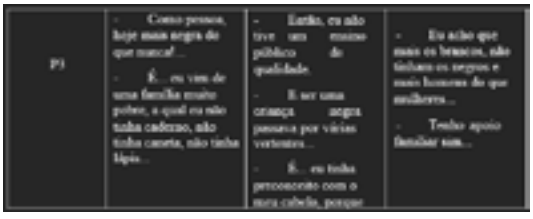
Entrevistadora: Você sentiu ou viu algum racismo no espaço acadêmico nessa sua trajetória? aqui eu estou pensando só no ensino superior, mesmo. P2: Não, não!

Entrevistadora: Com algum colega...

P2: Eu já sofri e,,. aí eu faço de resgate... um... assédios, né? É... como eu disse... até então não entendia como assédio, na época de estágio, né? no ensino do ensino médio né? eu fiz uma formação técnica, então, eu era muito assediada dentro desse espaço de estágio, mas, o preconceito racial por ser mulher negra, você, dentro do espaço acadêmico? Não! talvez pelo... pelo curso que eu fazia né? É... isso não era bem... não era forte digamos assim! Então, na licenciatura em matemática, como a maioria são mulheres negras, assim... como estudantes não... não não percebi!

Com relação à terceira entrevistada, temos:

Quadro 3 – Convergências da P3



Quadro 3 – Convergências da P3



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Assim, chegamos à professora P3 que se identifica "hoje mais negra do que nunca!" (P3, 2021), tem 43 anos e é licenciada em matemática há 20 anos e moradora do Estado de São Paulo. A docente vem de uma família humilde: "É... eu vim de uma família muito pobre, eu não tinha caderno, não tinha caneta, não tinha lápis." (P3, 2021), devido a essa origem ela passou por algumas situações e hoje ela luta por melhores condições para a população negra.

P3: Eu pertencia ao movimento negro chamado "Negro Sim" durante 10 anos, fui para Brasília na marcha negra, porque eu acho que ser negro não é só brigar, infelizmente, é provar todo dia que negro tem o seu valor tem sua capacidade. E a gente prova como? A gente prova estudando, a gente prova pesquisando, a gente prova mostrando é... que a gente não teve oportunidade no passado, mas a gente tem, né?

Dessa maneira, a conversa te leva à sua infância e assim ela traz um depoimento que demonstra lutas, mas também esperança para aqueles que a escuta. A professora concluiu a escolaridade básica estipulada, segundo (BRASIL, 1996) e sua mãe sempre esteve junto.

P3: Sim! concluí dois ensinos médios, na idade certa, correta. Vontade minha e da minha mãe, também, que me incentivou a estudar. Eu fiz o ensino médio normal, conclui com dezesseis para dezessete, na época. E conclui o magistério, CEFAM, eu tinha quase dezenove anos, então eu fiz dois ensinos médios ao mesmo tempo.

E todo o seu ensino básico foi na escola pública, porque,

P3: A gente não teve condições... muitos negros têm condições de entrar em escola particular, mas no ensino público nem todos os professores, estão preocupados com o ser humano, preocupados com os alunos. Então, eu não tive um ensino público de qualidade. É... eu aproveitei o máximo que pude.

Neste ponto é mostrado o que Rocha (2016, p.19) defende, porque, o professor é um agente fundamental na construção no

perfil do cidadão que se almeja para o futuro. A desumanização do professor para com o estudante, não importando- se com sua aprendizagem ou em desenvolver suas habilidades plenamente, caracteriza na omissão do estimulo as investigações cientificas, para que saiam do senso comum.

Continuamos, e falar sobre "como era ser uma criança negra no espaço escolar" ao se colocar em frente de lembranças não tão boas, pois

P3: Ser uma criança negra passava por várias vertentes: Primeiro; que não tinha condições de estudar em casa, porque eu não tinha material, eu não tinha "sacola", eu era chamada de "negrinha da sacolinha", porque minha mãe fazia uma sacola. Desculpa! Uma sacola de plástico, e ali eu colocava meus cadernos, minha mãe ia na escola pedir um caderno novo, minha mãe ia na escola pedir um lápis. Naquela época não era tão fácil como agora, então todas as crianças tinham os materiais e eu não tinha nada, mas eu quis estudar. [...] E ser uma criança negra, era muito pesado, mas eu não desisti. Não desisti porque eu gostava de estudar, eu queria mais, o melhor pra mim, a cada dia, então, eu concluir o ensino fundamental 1 e 2.

E com isso o bullying fez parte da sua infância e "eu tinha preconceito com o meu cabelo, porque eu não tinha aceitação do meu cabelo, meu cabelo era "tuim", como o pessoal falava" (P3).

E, a professora ouviu de um "professor que eu tive no sexto ano, que era de ciências, ele falou que meu cabelo era duro e que não entrava água, então, para mim isso não era referência" e realmente não é! Pois o professor deve excluir de seu discurso todo e qualquer tipo de preconceito, em especial, não os direcionar para seus discentes.

Entretanto, infelizmente não foi o único, uma outra professora também, se direcionou para ela de maneira não condizente com um docente.

P3: Eu quero só dizer que a professora "linda e maravilhosa" para não falar outra coisa, disse para mim que... "como você consegue estudar uma tabuada e é incapaz de decorar o verbo do pretérito mais que perfeito?", ali infelizmente, me causou um bloqueio. E o professor pode sim, causar um bloqueio psicológico no aluno! E as notas de português não foram boas. Não são até hoje!

Mas, todas essas situações fizeram com que ela se identificasse e hoje, isso mudou para ela, "de onde eles veem isso? Porque meu cabelo é lindo, sim!" (P3, 2021), contudo no período foi traumatizante, posto que,

P3: Mas, na época eu não achava. Eu não achava... Eu tive um professor de ciências que disse que o meu cabelo não entrava nem água. Isso, eu estava na sexta série. Quinta para sexta série. E naquela época a gente estudava de verdade, assim... era cobrar as melhores notas e eu sempre me cobrei, então, se tinha que tirar B +, eu tinha que tirar A +, eu tinha que provar para mim mesmo e para todo mundo, que negro tem que ser diferente de todo mundo! negro tem que ser o melhor!

Com isso, ela só teve uma professara negra, a qual a fez sentir-se representada, sendo sua referência de docente mesmo depois de alguns anos.

P3: eu conheci a Cidelice, na oitava série e me apaixonei melhor por matemática, porque a Cidelice explicou equação do segundo grau. Louco, né? Mas, enfim... a Cidelice foi a primeira professora negra, então, tive essa professora negra na oitava série, então, ser negra, ser uma criança negra e ter referências... e eu não tinha essa referência.

P3: Referência? foi sim! Minha professora da oitava série, que ela me ensinou que a gente tem valor sim! e que eu poderia ter valor dentro da matemática.

Sendo que, "eu achava quer era um "bicho papão". [..] "comecei a perceber que o

professor tem uma grande diferença com... no aluno" (P3, 2021).

P3:A professora Cidelice era de matemática, era a primeira professora negra que me ensinou que o negro tem o seu valor e que não era porque não tinha matérias e ela dizia que quando a gente quer, a gente vai atrás. Ela sempre dizia isso. Ela era graduada, enfim, já estava com uma situação boa.

Consecutivamente, conversamos sobre a escolha para a sua primeira graduação e a Cidelice de matemática, oitava série e o professor Ronaldo do ensino médio.

P3: Minha professora! Minha professora e meu professor, Ronaldo, são dois negros de... nossa! Super preferência. Primeiro que a professora me ensinou que devo gostar de matemática e ser negro é ter seu lugar. Minha mãe, como eu te disse, ela rasgou no caderno, tive que aprender matemática na "marra", então, por que não estudar essa matemática? E descobrir esse "bicho papão". Descobrir matemática... eu fiz o magistério na época, eu falei "a matemática pode ser lúdica, a matemática poder ser explorada de uma maneira diferente.

E os apoios fizeram parte da sua jornada, em especial da sua família, mesmo sua mãe só ter estudado até a terceira série, sempre apoiando a P3 em suas escolhas e com a criação do neto.

P3: Minha mãe sempre apoiou a estudar, mas assim como disse, ela fez até o terceiro ano primário, então, ela não conhecia os conteúdos que eu tinha que estudar, mas sempre ela sempre me apoiou a estudar, até hoje! Eu sou mãe solteira, ela ficou com meu filho quando eu fiz os meus cursos, os três primeiros créditos, porque no mestrado são seis créditos e os três primeiros créditos, quando eu me separei, ela ficava com o meu filho

para eu fazer resenha, para eu fazer pesquisa e hoje por exemplo, estou na casa da minha irmã; ela sempre me apoia, sai com meu filho, para eu conversar com você e também, para eu fazer minha dissertação de mestrado, que demora um pouquinho para fazer...

[...]

Apoio familiar, sim! Tenho apoio familiar sim, agora, apoio pedagógico, infelizmente... Tenho agora do meu orientador, agora do mestrado, mas até então... eu não tinha.

Ela teve apoio dos amigos e parceiros de estudo.

P3: Na verdade, eu tive apoio dos meus amigos, como eu te disse, fui para a USP fazer alguns cursos de extensão e lá eu conheci um pessoal. E lá na USP foi um "baque", porque, eu fui estudar física, porque a minha licenciatura, eu tive uma quantidade boa de física, também, licenciatura em matemática, porém, uma boa quantidade de matérias que eu tive, me dá direito a lecionar física também.

Contudo, a IES na qual ela estudou nunca deu incentivos para a permanência no ensino superior, além das monitorias, mas não para continuar estudando, porque além dos descontos para aqueles que pagam em determinadas datas, as instituições de ensino podem oferecer programas de bolsa, apoio psicopedagógico, especialmente para aqueles que estão entrando do ensino superior.

P3: A continuar estudando, não! A permanecer na universidade. Tinha monitoria, tínhamos congressos dentro da universidade, congressos matemáticos, mas como eu te disse, era uma universidade particular, então algumas coisas eram pagas, eu tinha condições de fazer algumas, mas as monitorias que eles ofereciam, sim! Que tinham dentro da universidade, mas sim voltar a fazer uma pós-graduação, não! O máximo que eles faziam era, "era tipo" ... "vem fazer aqui um bacharel que eu dou 50% de desconto", por exemplo.

A pouca condição financeira e por estar em uma faculdade privada, porque ela não sabia da existência das Universidades Públicas, a deixaram em situação que

P3: Já tinha trancado a universidade duas vezes, porque eu não tinha condições de pagar. Pegava latinha dentro da universidade, para poder pagar as mensalidades. Para mim, era muito duro pegar latinha para poder concluir, mas enfim, tranquei seis meses, porque era finalzinho, URV (Unidade Real de Valor) entrando para o Real e a inflação estava crítica, na época.

Mesmo com todas as dificuldades, a professora conseguiu concluir sua formação inicial e, quando perguntados os motivos para a sua formação continuada, a ancestralidade e a identidade racial vêm à tona.

P3: Ai! gata! Tantas! Vamos lá, primeiro, porque assim, meu povo sofreu tanto: Dandara, Zumbi, os negros ancestrais... sofreram tanto, chicotearam tanto é... infelizmente. Eu vou chegar lá, aonde eles queriam, porque eles morreram. Segundo, porque a minha mãe, minha família, por tudo que eu sofri, isso tudo foi me motivando, por ser pobre, porque sou pobre no Brasil, e hoje pelo meu filho, hoje eu quero mais, eu vou chegar ao doutorado ano que vem, vou me escrever no doutorado. [...] Porque a educação está no nosso dia a dia, conhecimento... ninguém tira o seu conhecimento, então por isso. De novo... por meus ancestrais, por minha família, pela paz e pelo meu filho e mostrar que eu tenho meu valor eu vou chegar, na verdade já cheguei, mas quando eu digo, vou chegar é porque o céu é meu limite e quanto mais puder estudar melhor, se eu puder fazer intercâmbio na África. Eu quero conhecer a África, porque infelizmente não tem doutorados bons lá. Mas se tiver um doutorado bom, relacionado à África, eu vou fazer, se eu tiver que chegar em Harvard, eu vou fazer em Harvard, sim! Não porque você... Hoje...eu sou mulher hoje, sou solteira, que é bem difícil, mas eu quero mais.

Assim, para ela se faz importante ir além das expectativas que foram direcionadas para ela, e não por ela, porque as mulheres negras são subestimadas desde seu nascimento apoiando-se no racismo estrutural e o racismo institucional, segundo Almeida (2018), assim para a professora a formação continuada a direcionará para lecionar no ensino superior

P3: Recentemente, que era para formação... eu fiz uma oficina pedagógica, que era para formação de professores, e poderia ser licenciado já, ou para pessoas que estavam em licenciatura, aí meu orientador, gentilmente, convidou os alunos deles do Instituto Federal, que fazem licenciatura em matemática, então, eles são os futuros professores. A oficina era minha, então, eu fui professora deles. Formam cinco oficinas sendo três horas, cada oficina por dia, e isso me motivou mais ainda, porque, ao final eram alunos de uma universidade, pela primeira vez, eu pude dar aula para alunos de universidade pública, porque o Instituto Federal é público, eles gostaram da minha aula e disseram que aprenderam na minha aula, que têm muito a aprender, que foi bem proveitosa e escutar da boca deles que, "olha professora, infelizmente, nunca tivemos uma professora negra, a não ser o Wellington". Ele é meu orientador. "A não ser o professor Wellington e agora a senhora". Nossa! Para mim foi... me senti, me senti. Pensei lá atrás, quando os meus professores da universidade particular diziam: - você não pode! Então, eu tive três anos com a UNPOAR e tive essa experiência. E a experiência na parte pública é sensacional, é o que eu quero, um dia chegar na universidade pública.

Evidenciamos como a falta de professoras negras no ensino superior, está à margem da inexistência (SOARES e SILVA, 2018, p. 2), e dessa forma, ela não teve professoras

com fenótipo negro no ensino superior.

P3: Ah! Fenótipos que predominava? Eu acho que mais os brancos, não tinham os negros e mais homens do que mulheres. Não tinham negros. Na universidade, na graduação, em matemática, não tive professores negros ou menino negro, na pósgraduação também, não para no mestrado o Wellington que é o meu orientador, atual, que é negro!

Com tudo que foi dito pela P3, chegamos ao seu ponto de vista sobre o racismo.

Entrevistadora: É... agora vou falou um pouquinho sobre racismo, né? Aí assim, o que você entende...porque eu sei que você entendeu muita coisa, né? Mas o que você entende por racismo?

P3: Eu não entendo muita coisa não! Estamos estudando! Racismo? O racismo para mim é tudo que influencia por raça, né? Raça eu posso pensar, não só na raça negra. Posso pensar nos judeus, posso pensar nos bolivianos, eu posso pensar nos coreanos, enfim, mas eu vou falar sobre o racismo negro, porque eu acho que eu sou negra, então é por aí que eu estou indo. Então quando alguém fala em interferir na minha raça, da minha cor ou me chama... "aí lá vem aquela preta" isso para mim é racismo "aquela nega fedida" isso para mim é racismo, agora quando o povo falar... ah, olha como ela é gordinha, não! Isso para mim é preconceito, então, existe uma grande diferença entre racismo e preconceito.

Dessa maneira, "quando eu penso racismo, eu estou falando sobre raça e por isso existem algumas políticas voltadas para a raça a negra" (P3, 2021). Porém ela não percebe

Entrevistadora: Pensando no ensino superior, lá, quando você saiu dos dois ensinos médios, como você disse, você evidenciou racismo no espaço acadêmico? você sofreu algum tipo... algum tipo de situação por causa da sua raça?

P3: Deixa-me pensar!... Não! Eu sofri bastante preconceito, por raça não. Preconceito sim! por ser pobre, por ser mulher, sim! Preconceito. Mas, raça? Tipo "lá vem essa negra". Não! Racismo, não! Preconceito, muito!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises apontam que as entrevistadas, P1, P2 e P3 se identificam-se como negras, porém o fenótipo da P1, não condiz com sua autoafirmação, porque ela sua pele tem um tom claro e seus traços são de indígenas, uma vez que ela tem cabelos naturalmente lisos. Todas tiveram a sua formação básica obrigatória na rede pública de ensino e concluíram a escolaridade na idade estipulada por lei, que é aos 17 anos (BRASIL, 1996).

Dentre as professoras, a P3 foi a que mais sofreu durante sua infância, na educação básica, com o racismo estrutural, preconceitos e o racismo velado dentro da escola, por professores e colegas de turma. Sua mãe não tinha condições de comprar os cadernos e lápis para que a P3 pudesse ir para a escola ou uma mochila. Assim, a ela ia para a escola com os matérias dentro de uma sacola plástica feita por sua mãe e desse modo, ela era perseguida constantemente e ganhava apelidos desagradáveis, lembrando que, há cerca de 30 anos, as condições para as pessoas negras nosso país era ainda mais deplorável.

A P2 morava em Salvador quando criança, então, sempre estava cerca pelos seus pares, tanto em casa quanto na escola. Mesmos não podendo usar o cabelo livremente e sua mãe sendo elogiada por outras pessoas que o cabelo da P2 na levantava um fio, ela lembra da sua infância, no espaço escolar, com carinho e não guarda traumas dessa época. Já com a P1 a questão era a alta valorização "do não ser negra", durante a infância, o que a deixava confusa com sua própria identidade.

As entrevistadas tiveram professoras negras no ensino básico. A P1 não teve nenhuma professora de matemática negra. A P2 teve no ensino fundamental 2 a maioria com a pele mais escura, porém no ensino médio eram todos homens e a P3 também teve uma professora negra de matemática no ensino fundamental 2, na oitava série. Quando nos voltamos para o ensino superior nenhum das entrevistadas relatam que teve algum professora de matemática com fenótipos de negras na graduação, pós-graduação, mestrado ou doutorado.

Todas elas têm uma relação com a matemática, porém não foi sempre assim, especialmente para a P3, porque as professoras não acreditavam em seus potenciais e não traziam métodos para que ela pudesse se desenvolver, até aparecer na sua vida a professora, negra e de matemática, Cidelice. Ela foi quem reafirmou que P3 poderia ser capaz de fazer qualquer coisa e que matemática não o "monstro" que fazer parecer que seja. Também, a sua mãe que um dia em um ato de fúria rasgou todo o seu caderno de matemática, obrigando-a a refazê-lo. Assim a matemática foi naturalizada, mas se deu na oitava serei do ensino fundamental 2.

A escolha da primeira graduação teve motivos especiais para cada uma delas. A P1, mesmo sem ter certeza que queria ser professora, ao fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e conseguiu o Programa Universidades Para Todos (PROUNI) colocou em primeira opção a matemática. A P2, sempre tinha a concepção de fazer aquilo que ela pensava que não era para ela, ou o que ela não queira fazer. A P3, a referencias de seus professores do ensino fundamental 2 e ensino médio, onde á ensinaram a amar a matemática.

Os apoios dos familiares e dos amigos estão presentes na formação inicial das três

entrevistas, seja com incentivos, para que ela não desistam de seus sonhos ou para se reunirem para estudarem, visto que, a única coisa que as IES ofereciam eram descontos nas mensalidades da P1 e P3. A P2 fez as suas formações acadêmicas em instituições públicas, e monitorias, sendo esses incentivos para auxiliar no desenvolvimento das aprendizagens em algumas disciplinas, mas não para as suas permanecia nos no ensino superior, uma vez, que para permanecer continuarem estudando elas precisaram trabalhar, duramente ao ponto da P3 ter que recolher latinhas de alumínios nos cestos de lixo da faculdades onde estudava, para auxiliar a pagar as mensalidades e isso à deixava em um situação de constrangimento.

Para a P2, foi difícil conciliar seu trabalho com a faculdades, pois para ela, os gastos com as mensalidades, alimentação, já que ela saia de manhã e só voltava tarde da noite, locomoção e as xerox, levava grande parte da sua renda e só não desistiu porque sua mãe lhe ofereceu apoio financeiro para ela saísse do emprego fixo e fosse se aventurar como professora eventual no Estado de São Paulo. Assim, elas sentiram a necessidade de continuar suas formações, sejam para não lecionar para o ensino fundamental, não ficar estáticas e com os discursos de alguns professores que tem mais anos de experiências, pelo desafio de lecionar para futuros professores, chegar a ser docente em Universidades Públicas, dentre outras, ou seja, melhorar-se para melhorar a educação, de alguma maneira.

Já sobre o racismo, de acordo os seus pontos de vista, todas concordam que ele é prejudicial para o desenvolvimento da raça negra, no Brasil e ele acontece quando de alguma maneira prejudica o indivíduo por conta da sua raça, com agressões físicas ou psicológicas.

Quando perguntados se elas enxergaram os racismos dentro das IES a P1 disse que direcionados para com ela, não! porém para P3, sim! Já que elas são amigas e se conheceram ao ir estudar na Universidade de São Paulo (USP) e a P1 via determinados olhares para P3, que ela juga "maldosos", quando a P3 pedia a fala. Mais a P3, afirma que já sofreu discriminação por ser preta e mulher, mas não com relação a sua raça isso reforça o ponto das microagressões, nos espaços acadêmicos Silva e Powell (2017), onde, aquele que agride, o faz sem perceber e o agredido mal percebe a agressão, mas pode gerar grandes traumas. A P2, fez a sua primeira graduação na cidade de Feira de Santana-BA, teve muitas colegas negras como companheira na licenciatura em matemática, não presenciou, nem com ela nem com suas colegas situações de racismos, porém as monitorias oferecidas pela Universidade eram feitas por homens brancos e do curso de Engenharia, com isso nasce a dúvida se a universidades não tinha uma atitude machista e racista para com suas estudantes negras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é o racismo estrutural? Belo Horizonte: Letramento, 2018. 191 p. ISBN: 978-85-9530-097-2.

ALVES, Alê. Angela Davis: "Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela." El País. 27/07/2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html. Acesso em: 8 de ago. 2021.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. A Geografia, a África e os Negros Brasileiros. In:

MUNANGA, Kabengele (Org.) Superando o Racismo na escola. 2 ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 173-184. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf. Acesso em: 30 ago. 2021.

BOALER, Jo. Mentalidades Matemáticas: estimulando o potencial dos estudantes por meio da matemática criativa, das mensagens e do ensino inovador. 1ª ed. Porto Alegre: Penso, 2018, p. 256.

BRASIL. Governo do Distrito Federal. Secretaria de Justiça e Cidadania. O racismo sutil por trás das palavras. 2020. Disponível em: https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:rriF8XLDndQJ:https://bibli otecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/1188+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br.

BRECH, Christina. O "Dilema Tostines" das mulheres na matemática. Departamento de Matemática, Instituto de Matemática e Estatística, Universidade de São Paulo. 2017. Disponível em: https://rmu.sbm.org.br/wp-content/uploads/sites/27/2018/08/kika_final.pdf. Acesso em: 26 ago. 2021.

CARMO, João dos Santos; FERRAZ, Ana Claudia Toledo. Ansiedade relacionada à matemática e diferenças de gênero: uma análise de literatura. Psicologia da Educação. São Paulo, 35, 2º sem. de 2012, pp. 53-71. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n35/n35a04.pdf. Acesso em: 27 ago. 2021.

CARVALHO, Maria Regina Viveiros de. Perfil do Professor da Educação Básica. Serie documental relato de pesquisa 41. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa

Educacional Anísio Teixeira. Brasília, 2018. 67p. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/documents/186968/486324/Perfil+do+Professor+da+Educa% C3%A7%C3%A3o+B%C3%A1sica/6b636752-855f--4402-b7d7- b9a43ccffd3e?version=1.2. Acesso em: 07 set. 2021.

COATES, Ta-Nehisi. Entre o mundo e eu. Tradução, Paulo Geiger. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

COSTA, Wanderleya Nara Gonçalves; DOMINGUES, Kátia Cristina de Menezes. Educação Matemática, Multiculturalismo e Preconceitos: que homem é tomado como medida de todos os outros?. 29/08/2008. Bolema - Boletim de Educação Matemática,

v. 19, n. 25, p. 45–69. Disponível em: https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/bolema/article/view/1877. Acesso em: 16 ago. 2021.

ESTEVINHO, Glória. Gênero e o BNDES: seria mais um caso de machismo estrutural?

Revista NEP - Núcleo de Estudos Paranaenses, Curitiba, v.5, n.1, p. 101- 123, jun. 2019.

Dossiê Partidos Políticos e Conexões Familiares. Disponível em:

https://revistas.ufpr.br/nep/article/view/67661. Acesso em: 04 abril. 2021.

HÜNING, Maria Simone. SILVA, Aline Kelly da. NETTO, Tathina Lúcio Braga. Vulnerabilidade da população negra e políticas educacionais no brasil. Cadernos CEDES, Campinas, v. 41, n. 114, p. 110–119, maio - ago., 2021. Disponível em:

https://www.scielo.br/j/ccedes/a/ypZvGwnkc3hNLKCTC4bSQcd/. Acesso em: 16 ago. 2021.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pretos ou pardos estão mais escolarizados, mas desigualdade em relação aos brancos permanece.

Agência de Notícias. 13/11/2019. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25989-pretos-ou-pardos-estao-mais-escolarizados-mas-desigualdadeemrelacao-aos-brancos-permanece. Acesso em: 29 maio. 2021.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS - Agência de notícias. PNAD Educação 2019: Mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio. 16/07/2020. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de- noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25- anosoumais-nao-completaram-o-ensino-medio. Acesso em: 7 set. 2021.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. Agência de

Notícias. População chega a 205,5 milhões, com menos brancos e mais pardos e pretos. 12/02/2019. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia- noticias/2012agencia-de-noticias/noticias/18282-populacao-chega-a-205-5-milhoes-commenos-brancos-emais-pardos-e-pretos. Acesso em: 11 out. 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. Agência de Notícias. Taxa de homicídio de pretos ou pardos é quase três vezes maior que a de brancos.

Agência de Notícias. 13/11/2019. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de- noticias/noticias/25999-taxa-de-homicidio-de-pretos-ou-pardos-e-quase-tres-vezes- maior-que-a-de-brancos. Acesso em: 28 jul. 2021.

INEP - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS

ANÍSIO TEIXEIRA. Resumo Técnico: Censo da Educação Básica Estadual 2019. Brasília, 2020. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/res umo_tecnico_do_estado_de_sao_paulo_censo_da_educacao_basica_2019.pdf. Acesso em: 09 de maio. 2021.

INEP- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Relatório Brasil no PISA 2018. Diretoria de avaliação da educação básica DAEB. Brasília- DF. 2020. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_exames_da_educacao_basica/relatorio_brasil_no_pisa_2018.pdf. Acesso em: 25 ago. 2021.

INSTITUTO SAMESP. Mapa do Ensino Superior 10ª edição. 2020. Disponível em:

https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2020/04/Mapa-do-Ensino-Superior- 2020Instituto-Semesp.pdf. Acesso em: 05 jun. 2021.

PAVESI, Sofia Nunes. Mulheres na matemática: o potencial da escola na desconstrução de alguns estereótipos. Orientador: Prof. Me. Júlio César Augusto do Valle. 2018. TCC. Graduação em matemática, Instituto Superior de Educação de São Paulo, São Paulo, 2018.

PRIBERAM DICIONÁRIO. Mulatos. 2021. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/mulatos. Acesso em: 6 jul. 2021.

RENATA, Rosenthal. Ser mulher em ciências da natureza e matemática. São Paulo, 2018.

Dissertação (Mestrado), Universidades de São Paulo, Instituto de Física, Instituto de Química e Instituto de Biologia. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/81/81132/tde-10072018-141247/publico/Renata_Rosenthal.pdf. Acesso: 26 ago. 2021.

ROCHA, Lucilene Candido. Aplicações etnomatemáticas na docência com ênfase a cultura negra. Orientador: Prof. Me. Sílvio De Liberal. 2016. TCC (Especialização) - Curso de PósGraduação em Formação de Professores, Instituto Federal de Educação e Tecnologia São Paulo, São Paulo, 28/06/2016. Disponível em: https://pdfcoffee.com/lucilene-candido-rochapdf-free.html. Acesso em: 7 set. 2021.

RODRIGUES, Leandra Aparecida Mendes dos Santos. Formação Docente e as Rela-